

Países ricos não terão orçamento alterado

WASHINGTON (do Correspondente) — Em depoimento perante a Subcomissão de Bancos do Senado americano, na semana passada, o professor de economia na Universidade de Harvard Jeffrey Sachs defendeu a idéia de criação da nova agência internacional — que o FMI, aliás, já vem estruturando sigilosamente, à espera de um momento oportuno para o seu funcionamento.

— Uma agência para lidar com os títulos da dívida externa é a maneira mais efetiva e ordeira de fazer com que os bancos aceitem, finalmente, os prejuízos decorrentes dos maus empréstimos que fizeram, em vez de fazer com que essas perdas sejam assumidas pelos contribuintes dos países credores — disse Sachs.

Suas palavras parecem ter despertado os parlamentares e até mesmo representantes do Departamento do Tesouro, que até então sempre diziam ser contrários ao novo organismo, alegando justamente que tal agência consumiria mais dinheiro dos contribuintes e, por isso, seria muito difícil vender essa idéia à sociedade americana. Sachs demonstrou que, ao contrário do que eles imaginavam, a redução da dívida dos países em desenvolvimento não exigiria alterações nos orçamentos dos países ricos.

Pelos seus cálculos, cerca de US\$ 250 bilhões poderiam ser espremidos para US\$ 90 bilhões, assumindo-se o valor real da dívida no mercado secundário. A partir daí, os devedores emitiriam títulos públicos no total de US\$ 90 bilhões, que seriam garantidos pelos países credores por um período de cinco anos, o que significa que os Estados Unidos poderão dispor de US\$ 470 milhões por ano.